

A actualidade de Oliveira Martins

NA confusão dos juízos de valor, formulados pela crítica acerca dos homens dedicados a questões de pensamento no século XIX, em Portugal, não tem Oliveira Martins a melhor parte. Em geral, desconhece-se ainda a motivação filosófica das atitudes dos homens que intervieram na discussão de muitos problemas de natureza política e social, e tomaram posição, como Oliveira Martins, ante os temas culturais do seu tempo. Embora assim seja, o tribunal da crítica, formado pelos seus próximos vindouros, não hesitou na atitude condenatória diante desses homens, que não souberam visionar e adaptar-se, no seu tempo, às novidades que o futuro pôs em jogo — terrível acusação — ou então, nas atitudes afirmadas, não souberam corresponder aos sistemas de ideias vigentes no seu tempo, expressão profunda de fortes tradições seculares que só estes críticos soberanos, armados em juízes, parece conhecerem.

A crítica vive entre nós sob os signos da condenação ou da apoteose. De entre os condenados desse século desconhecido no domínio do pensamento nacional, mas repleto de surpresas que se revelarão quando um dia se fizer serenamente o seu inventário, figura o grupo dos Vencidos da Vida, núcleo representativo de uma geração unida e vigorosa, como nenhuma outra se manifestou na nossa terra. Desse grupo foi Oliveira Martins um dos mais notáveis componentes sob vários aspectos, dentre os quais sobrepõe o de historiador. Mas é moda negar-lhe a disciplina mental para tais estudos. No entanto, Oliveira Martins, pela sua vida de incansável autodidacta, estuante de vigor intelectual, admiravelmente servido por um raro talento de expressão, mereceria todo o nosso respeito, ainda que tal acusação fosse justa.

Mas tal não é o caso. Um historiador não vale apenas como

preparador optimista do futuro ou como frio analista do passado. Nessa vaga e rica manifestação da vida intelectual voltada para a compreensão social do homem, — que se chama História, — há decerto lugar para diferentes tipos de visão oscilantes entre a sua ciência e a arte. Disto foi plenamente consciente Oliveira Martins sempre que teve ocasião — e teve-a muitas vezes — de expor a concepção da história: «A história não é apenas nomenclologia, isto é, determinação rigorosa das leis que orientam os fenómenos históricos, mas também exposição artística das concatenações sistemáticas e orgânicas da vida de cada povo». As suas ideias acerca da história fazem-no um precursor das teorias que interpretam o fenómeno histórico como desenvolvimento e interpenetração de círculos de cultura, que se expandem, concentram e extinguem.

Criticar Oliveira Martins por não ter dado o aspecto de exactidão científica aos seus estudos de história, como criticar outros por não terem dado aspecto artístico aos temas históricos que expõem, vale, equivalentemente, o mesmo. Isto é: nada. Este género de acusações é um vício típico da crítica que só valoriza o que lhe é afim, e só aprecia o que, de certo modo, lhe pode servir como elemento precursor dos seus seguros e inabaláveis pontos de vista. Todavia, mesmo acerca deste assunto, haveria algo a dizer sobre o talento profético do historiador que, como nenhum outro, sentiu e viveu profunda e dramaticamente uma hora sombria da vida nacional. Por isso lhe ficamos devendo uma série de trabalhos fundamentais em qualquer cultura que, como tal, se pretenda afirmar e justificar.

Referimo-nos à sua constante preocupação de investigar qual seria a constante determinativa do português individual e socialmente considerado. Oliveira Martins afirmou com exuberância a sua personalidade de escritor em algumas obras de valor desigual, mas sempre tendentes à compreensão dos aspectos típicos da vida social, económica e política do povo português. O seu principal interesse, sempre presente em qualquer dos seus livros, pode ser assim formulado: *descrição tipológica da cultura península e determinação comparativa do carácter típico do português*. Nesta via trilhou Oliveira Martins terreno inexplorado e as coisas ficaram, pouco mais ou menos, no estado em que ele as dei-

xou (1). E, no entanto, trata-se de um tema cuja importância não é necessário encarecer. Só a partir das tendências imperantes num povo, da sua estrutura vital e do seu carácter, será possível dar sentido, forma e força a isso que vagamente se chama «consciência nacional».

Enquanto os fundamentos em que esta assenta permanecerem desconhecidos, ou obscurecidos por lugares comuns erróneos e mesmo perigosos, não será possível que um povo se conheça como povo e fortaleça, conseqüentemente, aquilo que realmente é, ante influências que a todo o momento o obrigam a parecer aquilo que, na verdade, não é e não pode ser. Foi a este meritório trabalho que, nas suas melhores horas, se dedicou Oliveira Martins. E que livro surgiu em Portugal que possa substituir a sua *História da Civilização Ibérica*, quando pretendemos saber quem somos e o que podemos ser como povo, étnica, vital e culturalmente diferenciado? Não conhecemos nenhum. E só por isto, por ter sido um pioneiro na tentativa de determinação morfológica da nossa cultura radicada no complexo étnico, histórico e geográfico da nossa situação, merece Oliveira Martins a admiração dos homens para quem cultura é mais do que o saber adquirido na leitura do último bom romance, quase sempre traduzido em mau português.

Oliveira Martins aparece-nos hoje, a partir deste ponto de vista, como o nosso maior historiador. Historiador trabalhando em todos os momentos com uma concepção morfológica e caracterológica da história, o que não invalida que a História possa também ser considerada de outro ponto de vista, como já deixámos dito. Há, certamente, na sua obra erros de visão, exageros de atitude e deformações valorativas, a que a sua situação de pioneiro algumas vezes o obrigou. Mas, porquê demorarmo-nos nisso? Há só uma forma válida de crítica para casos idênticos: aprender a lição e superar a obra. Infelizmente, até hoje, nem um nem outro destes imperativos foi conseguido.

(1) Fidelino de Figueiredo, Orlando Ribeiro, Osório de Oliveira e Álvaro Ribeiro são, dentre os contemporâneos, escritores que marcaram em alguns dos seus trabalhos o interesse de determinação de uma caracterologia do povo português no aspecto cultural.

A culpa não é, portanto, de Oliveira Martins, mas da falta de continuidade de interesse por um tema que deveria merecer, de todos aqueles para quem a história não é só registo passivo de factos passados, a sua melhor atenção. Só assim seria possível, de facto, invalidar a imperfeição de uma obra, que continua primeiro e único testemunho de uma série de estudos de suma importância e de grande utilidade para a cultura de uma nação com um longo passado de experiências típicas, de vitórias e reveses, de horas grandiosas e momentos trágicos, e cuja soma, hoje maior ainda do que no tempo de Oliveira Martins, nos dá material de sobra na elucidação desta premente, grave e necessária pergunta: quem somos, como somos e que podemos continuar a ser?

Acordar nos intelectuais portugueses o respeito por Oliveira Martins, e mostrar-lhes a urgente necessidade de voltar aos temas que ele tratou, bem ou mal — não importa —, teria sido talvez o momento mais sério e de maior alcance para a nossa cultura na comemoração centenária do seu nascimento.

DELFIN SANTOS.

